

Magnífico Reitor

Caros Docentes

Caros Estudantes

Caros Colegas

Minhas Senhoras e meus Senhores

Quero agradecer ao Senhor Reitor o convite para estar hoje aqui a representar o corpo não docente.

25 anos! Um quarto de século! Dito assim parece muito tempo, mas não sinto que tenham passado tantos anos. Talvez porque eu e a Universidade temos tido uma relação saudável. Uma relação pouco rotineira, sempre pautada de novidades e desafios. É a vantagem de trabalhar numa Universidade, há sempre algo novo a acontecer, não fossem as Universidades verdadeiros lugares do saber, do conhecimento e da inovação.

Ter passado por diferentes sectores também contribuiu para o meu enriquecimento pessoal e profissional. Destaco a Faculdade de Economia, por quem nutro um carinho especial, pois foi a unidade orgânica que me recebeu nos primeiros anos. Como costumo dizer aos meus colegas “Sou uma filha da Faculdade de Economia”. Também a Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo é especial, foi onde me formei. Uma passagem pela Reitoria, onde acompanhei o Prof. Doutor Adriano Pimpão nos seus dois mandatos como Reitor e num mandato como Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas que me proporcionou o contacto com outras instituições de ensino superior e com os seus desafios, metas e preocupações. Mais tarde tive o privilégio de ver nascer e de acompanhar o desenvolvimento dos cursos de licenciatura e de mestrado em Ciências Biomédicas e também do Mestrado Integrado em Medicina.

Quando em setembro de 1993 ingressei na Instituição o ritmo era outro. Não havia *net*, não havia *mails*, nem telemóveis. Mas tinha um *MacIntosh*, coisa fina, o ambiente de trabalho era semelhante ao Windows, podíamos gravar ficheiros arrastando para o *ícon* da disquete. Um luxo!

Mais tarde vi chegarem as novidades tecnológicas. E assisti também ao crescimento da qualificação do pessoal não docente. Tivemos reclassificações profissionais e reestruturação de carreiras e tivemos também um plano de formação diversificado. Eram outros tempos!

Fazer este discurso foi talvez a tarefa mais difícil que me foi pedida nestes 25 anos. Não imaginei o quão complicado seria condensar em 1200 palavras o tanto que esta casa me proporcionou experienciar. A cada frase que escrevia juntava-se a lembrança do que ainda está por fazer. Mais umas palavras e era a recordação dos assuntos a agendar. Novo parágrafo e o sobressalto daquele mail que aguarda uma resposta. Enfim, quase que se tornava numa lista de afazeres ao invés de um discurso.

Mas isto não é nenhuma novidade. Quantas vezes é que nos acontece? Quantas vezes estamos a tratar de um assunto e há mais meia dúzia a passar-nos pela cabeça em simultâneo? Quantas vezes vamos a caminho de casa e nos lembramos de algo relacionado com o trabalho? Quantas

vezes estamos com a família e de repente vem-nos à memória aquele assunto que ficou por tratar? A quantos de nós é que isto acontece mais frequentemente do que seria aceitável?

Os últimos anos não foram fáceis, as restrições a que fomos submetidos obrigaram-nos a aprender a fazer ainda mais e melhor com menos. Vimos muitos colegas partirem, reformarem-se, outros já não estão entre nós. Nem sempre houve lugar a substituições e as tarefas tiveram que ser asseguradas por quem cá ficou.

A somar-se a uma já vasta lista de atribuições, vieram os avanços tecnológicos, a implementação de mais normas, a política para a qualidade, a que se seguiram as formações, o ajustar a novos procedimentos, o encaixar de mais um esforço num dia já repleto de trabalho.

É com uma alegre ironia que trocamos “galhardetes” quando nos encontramos nas formações, ou nos cruzamos nos corredores ou na rua: “Então, já tá tudo lançado?”; “Já tás a trabalhar no próximo ano letivo?”.

Dizemo-lo com um sorriso na certeza de que de alguma forma as coisas se vão compor no final. Mesmo que os prazos tenham sido ultrapassados, os resultados aparecem. E o sentimento de dever cumprido, de superação, faz-nos pensar que valeu a pena. Nesses momentos, as dificuldades são esquecidas, transformam-se em algo lá muito longínquo, de outros tempos.

Mas dura pouco, é só o tempo de passar à tarefa seguinte!

A atualidade, marcada por uma rápida mudança tecnológica, obriga ao desenvolvimento da competitividade e traz consigo a necessidade de apresentar saberes e competências nas áreas das novas tecnologias, bem como capacidade de adaptação, flexibilidade, criatividade e resolução de problemas.

Trabalhamos a um ritmo frenético para nos adaptarmos aos novos conceitos. Quando contacto com os demais Colegas na prossecução de um objetivo comum não vejo licenciados, mestres ou doutores, vejo indivíduos com competências, indivíduos flexíveis, com capacidade de tomar decisões, com iniciativa, com responsabilidade e com criatividade. E acima de tudo vejo resiliência, indivíduos que não desistem perante as adversidades, que não perdem o foco nos resultados a obter.

Nunca a aprendizagem ao longo da vida fez tanto sentido. É muito fácil ficar desatualizado atendendo ao ritmo do conhecimento técnico. Em pouco tempo as aptidões e capacidades deixam de se adequar às exigências do mercado.

O sucesso de uma Instituição também se mede pelo investimento feito na formação do seu capital humano. É importante promover junto dos funcionários uma formação adequada que ressalte as capacidades não técnicas, para a construção de um perfil de colaborador que saiba interpretar situações e colaborar nas tomadas de decisão. Colaboradores com pensamento eficaz e eficiente, capazes de promover a mudança.

Porque eles existem, estão cá, são criativos e dão uma nova definição ao conteúdo funcional exigido para cada posto de trabalho. Mas precisam de ver o seu esforço recompensado e reconhecido. É preciso criar agilidade nos processos eliminando etapas que não fazem sentido. E é preciso dialogar com os colaboradores, permitir-lhes que participem nas tomadas de decisão.

Os desafios que nos foram colocados nos últimos anos, nomeadamente através da implementação de novas ferramentas de trabalho, tais como as plataformas informáticas,

transformaram o nosso corpo não docente em profissionais multifuncionais, pessoas com facilidade e disposição para lidar com as mudanças, concretizando as atividades que lhes são confiadas com ideias viáveis através de um contributo positivo. São colaboradores com uma visão clara de cada etapa dos processos, assente numa vasta experiência de procedimentos e funcionalidade. São profissionais proactivos, capazes de se antecipar nas situações que exigem soluções rápidas e para as quais não há tempo para consultar os superiores, assumindo as responsabilidades.

Não devemos, no entanto, confundir a multifuncionalidade com a polivalência, ou com as multitarefas. Atribuir várias tarefas ao mesmo tempo a um só funcionário pode não ser uma boa ideia. O funcionário acaba por ficar assoberbado de atividades sem conseguir terminar nenhuma de forma bem feita. Infelizmente este ainda é um dos principais motivos de desânimo e exaustão.

Acredito que estas características do corpo não docente serão reconhecidas e terão o destaque que lhe é merecido, tal como acredito que o futuro trará soluções para as adversidades que agora nos impedem de fazer ainda melhor.

A Universidade do Algarve vai fazer 40 anos de existência. Vai entrar oficialmente nos “entas”, agora é que se vai tornar verdadeiramente interessante. E nós estaremos cá para percorrer essa caminhada, com a mesma dedicação e empenho, na prossecução dos objetivos e desafios a que se proponha.

Vão-me desculpar o aparte, mas não quero deixar passar esta oportunidade sem enviar uma saudação muito especial aos funcionários não docentes. Grande parte conhece o meu percurso nesta Instituição. Quero agradecer-lhes pela forma cordial com que sempre me trataram. Não tenho quaisquer dúvidas de que foi esse carinho, apoio e cordialidade que venceram barreiras e resolveram problemas.

É um privilégio e uma honra trabalhar convosco. Vocês são o verdadeiro sentido da palavra “Equipa”.

Muito obrigada a todos.

Conceição José
Funcionária